



**UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES**
www.uces.edu.ar

**INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y CIENCIAS
SOCIALES (IAEPCIS) "David Maldavsky"**
Doctorado en Psicología
Departamento de Investigaciones

Sábado 20 de julio de 2024
XX Jornadas Internacionales de Investigación en
Psicología UCES 2023
XXII Jornadas Internacionales de Actualización del
Algoritmo David Liberman

Título: As vivências das mulheres negras no espaço acadêmico

Autoras: Dalva Costa dos Santos, Priscilla Faria Miranda.

E-mail: dcs.devir@gmail.com

Conselheira: Flávia Oliveira Gomes

Introdução

A trajetória das mulheres negras na academia no Brasil é marcada por importantes desafios. Apesar das políticas de inclusão, eles continuam sub-representados e enfrentam preconceito e falta de apoio, o que afeta sua permanência e bem-estar (IBGE, 2020). É crucial compreender essas experiências e desenvolver estratégias para criar um ambiente acadêmico mais inclusivo. Este artigo examina criticamente estas questões, abordando representação, estereótipos, saúde mental e o papel da psicologia na promoção da equidade no ensino superior. As mulheres negras enfrentam discriminação e falta de reconhecimento, o que dificulta o seu progresso acadêmico (Nunes, 2020; Sousa, 2022). Abordar o racismo estrutural é necessário para superar estas barreiras e promover a autonomia intelectual (Almeida, 2019). O ensino superior é essencial

para abrir portas no mercado de trabalho e oferecer oportunidades de ascensão profissional. Porém, o racismo estrutural afeta a saúde mental das mulheres negras, causando danos psicológicos (Valério et al., 2021). A psicologia pode ajudar a compreender esses desafios e promover práticas inclusivas. Para promover a saúde mental das mulheres negras no ambiente acadêmico é fundamental implementar estratégias de intervenção específicas. Estas ações devem combater a discriminação racial, promover a inclusão e fortalecer a autoestima e a identidade cultural das mulheres negras (Sousa, 2022). Os programas de apoio psicológico e as redes de apoio são vitais para garantir o seu bem-estar no contexto acadêmico (Nunes, 2020; Almeida, 2019).

O artigo investiga os desafios enfrentados pelas mulheres negras no ambiente acadêmico brasileiro, especialmente o impacto do racismo estrutural e da falta de representação na sua permanência e bem-estar. Propõe discutir estratégias de intervenção para criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor, valorizando a diversidade e fortalecendo a autoestima e a identidade cultural dessas mulheres. O objetivo é compreender melhor as barreiras que enfrentam e sugerir práticas que apoiem o seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Portanto, os objetivos são: 1) Investigar e analisar criticamente as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres negras no ambiente acadêmico brasileiro. 2) Compreender como o racismo estrutural e a falta de representatividade afetam a permanência, o bem-estar e a saúde mental destas mulheres. 3) Identificar e discutir estratégias de intervenção que promovam um ambiente acadêmico mais inclusivo, diversificado e acolhedor. 4) Valorizar a diversidade e fortalecer a autoestima e a identidade cultural das mulheres negras no meio acadêmico.

Metodologia

Os desafios enfrentados pelas mulheres negras na academia brasileira são explorados a partir de uma abordagem qualitativa. O material é composto por revisões de literatura, dados do IBGE e estudos acadêmicos recentes sobre indicadores sociais e raciais. Os métodos incluem análises críticas desses dados e estudos focados na experiência de mulheres negras em instituições de ensino superior. Os instrumentos de pesquisa utilizados são revisões sistemáticas de literatura, análise documental de políticas de inclusão e estudos de caso para exemplificar as dificuldades enfrentadas. A investigação pretende compreender os impactos do racismo estrutural na saúde mental e no bem-estar destas mulheres, propondo estratégias de intervenção para promover um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo.

Resultados

Os resultados da pesquisa revelam que as mulheres negras enfrentam desafios substanciais no contexto acadêmico brasileiro, caracterizado pela persistente sub-representação nos cursos superiores e pela existência de preconceitos institucionais profundamente enraizados. Apesar dos esforços nas políticas de inclusão, os dados do IBGE e estudos acadêmicos recentes indicam que essas mulheres continuam a enfrentar obstáculos significativos que limitam o seu acesso, permanência e reconhecimento nas instituições de ensino superior. O racismo estrutural surge como fator determinante, agravando os impactos na saúde mental e no bem-estar destes estudantes. A análise crítica e metódica dos dados destaca a necessidade urgente de estratégias robustas e baseadas na ciência para promover um ambiente acadêmico verdadeiramente inclusivo, diversificado e equitativo, onde a valorização da diversidade étnico-racial seja eficazmente implementada e sustentada ao longo do tempo.

Conclusões

A experiência das mulheres negras na academia está repleta de desafios significativos, desde a falta de representação à discriminação institucionalizada e aos efeitos do racismo estrutural na sua saúde mental. A reflexão crítica e aprofundada sobre estas questões é crucial para impulsionar mudanças eficazes e estabelecer um ambiente universitário mais inclusivo e equitativo.

Valorizar a diversidade, combater ativamente o preconceito e a discriminação, promover a representatividade e implementar estratégias de intervenção e prevenção de doenças psicológicas são passos essenciais para garantir o bem-estar e a autonomia intelectual das mulheres negras no meio acadêmico. A psicologia e outras disciplinas desempenham papel fundamental nesse processo, oferecendo apoio emocional, conscientizando sobre questões raciais e contribuindo para a adoção de práticas clínicas mais sensíveis e antirracistas.

Portanto, é essencial um esforço coletivo e contínuo de toda a comunidade acadêmica para promover a justiça, a igualdade e o respeito à diversidade no ensino superior. A escuta ativa, o diálogo intercultural e o reconhecimento das experiências e conhecimentos das mulheres negras são essenciais para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo, diversificado e acolhedor para todas as mulheres, independentemente da sua origem étnico-racial.

Referências bibliográficas

Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

Akotirene, C. (2019). *Feminismos plurais: Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.

Carneiro, S. (2020). *Enegrecer o feminino: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Recuperado de <https://www.patriciamagno.com.br/wpcontent/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>

Damasceno, H. de J., & Correia, A. N. S. (2022). Mulher negra e educação: construção de identidades e resistências. *Revista Labor*, 1(27), 169–193.

Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Biotempo.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba.

Freitas, L. (2009). A instituição do fracasso: a educação da ralé. In J. Souza (Org.), *Ralé brasileira: quem é e como vive* (recurso digital). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Freitas, T. P. de. (2017). *Mulheres negras na educação brasileira*. Curitiba: Appris.

Gonzales, L. (2020). A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem políticoeconômica. In F. Rios & M. Lima (Eds.), *Por um feminismo afro-latino-americano* (recurso digital). Rio de Janeiro: Zahar.

IBGE. (2022). *Síntese de indicadores sociais*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>

IBGE. (2022). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação 2022*. Recuperado de https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8100b5c6e47300b5b9596ced07156eda.pdf

IPEC – Inteligência em Pesquisa e Consultoria. (2023). *Percepções sobre o racismo no Brasil*. Recuperado de <https://www.ipec-inteligencia.com.br/pesquisas/>

Kilomba, G. (2019). *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Nascimento, A. (2016). *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva.

Oliveira, S. R. M. de, & Azevedo, G. X. de. (2021). As mulheres negras na educação do Brasil. *REEDUC UEG*, 8(01), 92–109.

Ribeiro, D. (2019). *Pequeno Manual Antirracista* (recurso digital). São Paulo: Companhia das Letras.

Santos, J., Gerlude, S., Cruz, S., Vilarino, J., Jacinto, J., Mateus, P., Filho, S., & Adelmo, S. (2020). Negras intelectuais e ensino de Psicologia: Epistemicídio e representatividade. *Revista Com Ciência*, 5(7), 67–76.

- Valério, A. C. O., Bezerra, W. C., Santos, V. S., Leite Junior, J. D., Farias, M. N., & Santos, S. M. B. (2021). Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e3007. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2278>
- Silva, I. P. A. da. (2022). Vamos rodar a baiana? Psicologia feminista e políticas públicas para as mulheres. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.
- Nunes, A. M. B. (2020). A branquitude e o ensino superior: reflexos e desafios na docência. Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.
- Oliveira, P., & Vilma de, V. (2020). As audácias e as histórias: análise psicossocial das trajetórias de negras/os doutoras/es em Psicologia na interface dos estudos sobre carreiras. Belo Horizonte.
- Cunha, R. D. T. da. (2021). Ciência e gênero: o cotidiano de mulheres pesquisadoras em Psicologia. Tese de doutorado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Nogueira, F. (2021). A produção de conhecimento negra na psicologia da UFRGS: vozes negras que questionam a colonialidade do ser e do saber no contexto da Educação das Relações ÉtnicoRaciais. Tese de pós-graduação, EREER, Porto Alegre.
- Santos, K. P. (2021). “Tudo que nós tem é nós”: continuidades históricas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras nas resistências coletivas ao epistemicídio na UFMG. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.